

akra BARBARION

Sesimbra, cultura e património

4



Akra Barbarion

Ficha Técnica

Edição

Câmara Municipal de Sesimbra

Título

Akra Barbarion
Sesimbra, cultura e património

Colaboraram neste número

Ana Fialho
Andreia Conceição
Cristina Conceição
Fernanda Rodrigues
Fernando Gomes Pedrosa
Isabel Drumond Braga
João Augusto Aldeia
João Luís Cardoso
João Ventura
José Augusto Cunha Freitas Oliveira
Paula Cruz
Pedro Pinto
Raquel Vilaça
Teresa Salema

Coordenação Editorial

Unidade Técnica de Arquivo e Documentação
Divisão de Cultura

Revisão e Produção Editorial

Unidade Técnica de Arquivo e Documentação
Divisão de Cultura

4

Ilustração da capa

Sandra Veríssimo

Paginação

Carla Paulo

Produção

Tipografia Belgráfica Lda.

Tiragem

500 exemplares
Data de Edição: Abril de 2020

Periodicidade

Anual

ISSN

2183-5756

Depósito Legal

396277/15

P.V.P

6 €

(A aplicação do novo acordo ortográfico ficou ao critério dos autores)



Uma placa de xisto reaproveitada da Lapa do Fumo (Sesimbra)

João Luís Cardoso¹ & Raquel Vilaça²

1 – Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). ICArEHB (Universidade do Algarve)

2 – Instituto de Arqueologia. Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP – Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

Resumo

Apresenta-se o estudo de uma placa de xisto recolhida na Lapa do Fumo correspondente ao reaproveitamento de um exemplar de maiores dimensões ocasional ou intencionalmente fracturado. São discutidas as diversas alternativas susceptíveis de justificarem o reaproveitamento deste tipo de objectos, os quais ocorrem na Estremadura e a sul do Tejo, tanto em contextos funerários como habitacionais entre o Neolítico Final (último quartel do 4.º milénio a.C.) e o Calcolítico Pleno/final (segunda metade do 3.º milénio a.C.).

Palavras-chave: Placas de xisto; reaproveitamento; relíquias; Lapa do Fumo; Neolítico

Abstract

We present the study of a schist plaque collected in the Lapa do Fumo corresponding to the reuse of a larger specimen occasionally or intentionally fractured. The different alternatives that justify the reuse of this type of objects are discussed, which occur in Estremadura and south of the Tagus region, both in funerary and domestic contexts between the Late Neolithic (last quarter of the 4th millennium BC) and the Full/Late Chalcolithic (second half of the 3rd millennium BC).

Keywords: Engraved stone plaques; reuse; relics; Lapa do Fumo; Neolithic

1 – Circunstâncias do achado

Nas férias do Verão de 1968, uma família foi passar o dia à praia da Mijona, situada a Oeste de Sesimbra. Durante a sua permanência, alguns dos seus membros decidem explorar a íngreme encosta que domina o areal. Descobrem por acaso uma gruta, segundo eles situada a meia-encosta, do lado direito de uma linha de água temporária (Fig. 1). A cavidade era funda, mais de 30 metros, mas não se atreveram a ir até ao limite suposto da mesma. Perto da entrada cavaram o solo, tendo posto a descoberto muitas conchas e alguns ossos, que por lá ficaram, entre os quais se encontrava um curioso objecto decorado. Estava descoberta a placa de xisto reaproveitada.



veitada da Lapa do Fumo, que será objecto deste estudo, a qual permanece na posse de quem a recolheu¹.

O presente contributo justifica-se pelo facto da peça dada agora a conhecer integrar o reduzido conjunto das placas de xisto reaproveitadas, que não perderam o seu carácter simbólico, mesmo depois de incompletas, as quais são características do Neolítico Final, embora a sua manufactura se tenha prolongado pelo Calcolítico, incorporando então outros atributos iconográficos.

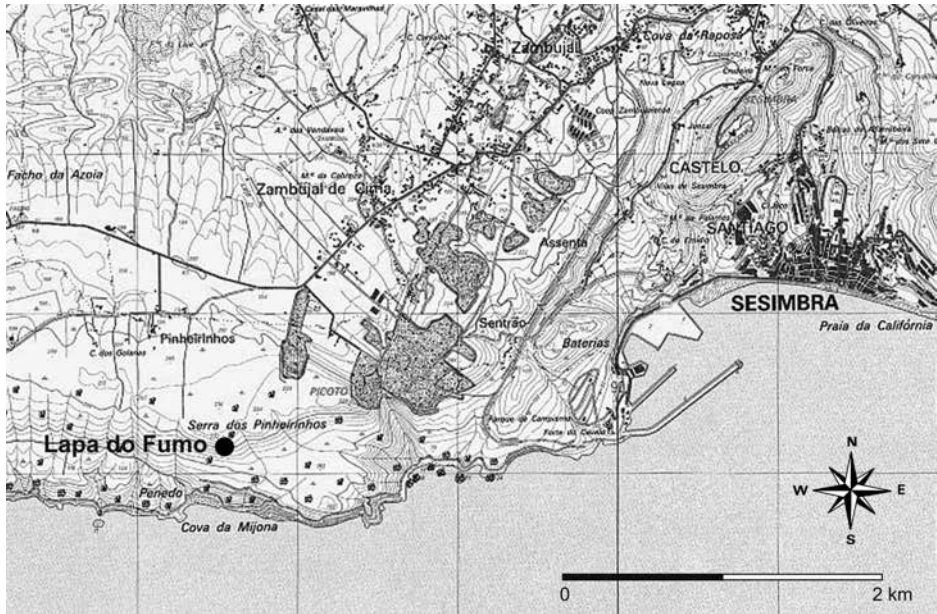


Fig. 1 – Localização da Lapa do Fumo na Carta Militar de Portugal na escala de 1/25000 (folha n.º 464 – Sesimbra). Lisboa: Serviços Cartográficos do Exército.

2 – A Lapa do Fumo. Antecedentes e justificação

A Lapa do Fumo é uma bem conhecida gruta do concelho de Sesimbra cujo interesse arqueológico foi reconhecido a 30 de Agosto de 1956, dia em que Eduardo da Cunha Serrão a visitou pela primeira vez (Fig. 2). Os trabalhos de escavação começaram pouco depois, ainda naquele ano e prolongaram-se pelos anos seguintes, com diversas colaborações, destacando-se a de Gustavo Marques, já na década de 1960. Em resultado dessas sucessivas intervenções, Eduardo da Cunha Serrão produziu diversos estudos, sendo de sublinhar os relativos às cerâmicas de ornatos brunidos do Bronze Final, muito abundantes na gruta onde foram pela primeira vez descritas (SERRÃO, 1959). Mais tarde, destaca-se a publicação detalhada da necró-

¹ Agradecemos ao senhor Noel Bracinha a notícia sobre a existência da placa, sua cedência para estudo e todas as informações complementares sobre as circunstâncias do seu achado.





Fig. 2 – A entrada da Lapa do Bugio, referenciada pela presença de diversos dos seus primeiros exploradores. Eduardo da Cunha Serrão encontra-se à esquerda, em primeiro plano. Foto de 1957. Arquivo Gustavo Marques (Museu Nacional de Arqueologia).

pole neolítica ali estabelecida, bem como dos rituais funerários identificados, a par da respectiva datação (SERRÃO & MARQUES, 1971). Entretanto, a importância da presença medieval na cavidade foi sublinhada pela recolha de importante conjunto de quirates almorávidas do século XII nela recolhido ainda em 1956, aquando das primeiras explorações (FIGANIER, 1958; MARINHO, 1968).

O estudo de conjunto entretanto publicado sublinhava bem a grande diacronia da ocupação humana (SERRÃO, 1968), realidade que veio a ser sublinhada pelo mesmo autor anos depois (SERRÃO, 1975, Fig. 14; SERRÃO, 1978, Fig. 5).

Entretanto, com a suspensão das escavações, a larga maioria dos espólios ficaram por estudar. Após o falecimento de Gustavo Marques, a Família tomou a iniciativa de doar ao Museu Nacional de Arqueologia alguns dos materiais que aquele arqueólogo conservava em seu poder, entre os quais um conjunto oriundo da Lapa do Fumo.

O então Director daquele Museu, o Dr. Luís Raposo sabendo dos trabalhos arqueológicos que o primeiro signatário vinha desenvolvendo no concelho de Sesimbra, e de que resultara já a publicação da totalidade dos exemplares conservados no Museu Arqueológico Municipal de Sesimbra das produções de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (CARDOSO, 1996), tomou a iniciativa, por ofício datado de 2004, de o convidar a estudar os materiais desta estação que ali deram então entrada, acompanhados de cópias dos cadernos de campo das escavações, susceptíveis de providenciarem o indispensável enquadramento.

Foi assim que, sucessivamente se publicaram estudos exaustivos dedicados à ocupação da Idade do Ferro, da qual até então nada se sabia (ARRUDA & CARDOSO, 2013), a que se seguiu a publicação monográfica sobre a ocupação do Neolítico



Antigo, que se encontrava apenas corporizada pelo achado de dois belos vasos com decorações “em espiga”, do Neolítico Antigo evolucionado, depositados num nicho situado na parede lateral esquerda da cavidade (CARDOSO & MARTINS, 2018).

Este estudo surge assim no seguimento dos já publicados, no âmbito da revisão sistemática dos espólios da Lapa do Fumo coordenada pelo primeiro signatário.

A placa dada agora a conhecer junta-se às duas placas reaproveitadas anteriormente publicadas da Lapa do Fumo (Fig. 3), mas que não tinham sido identificadas como tal pelo arqueólogo responsável pelas escavações, limitando-se a apresentar fotografias de má qualidade, suficientes, no entanto, para se reconhecer reaproveitamento em ambos os exemplares. Um deles (SERRÃO, 1975, Fig. 14; SERRÃO, 1978, Fig. 5), corresponde a pequena placa recortada, de contorno assimétrico, embora o campo decorado evidencie assinalável simetria (Fig. 3, em cima); faz sentido que este objecto – formalmente, um “híbrido” entre uma placa e um báculo – corresponda à porção da cabeça recortada de uma placa, assim se explicando a assimetria observada. Mais tarde, o mesmo autor (SERRÃO, 1968, Fig. 8, n.º 9) publicou outro fragmento de placa de xisto que, pela fotografia apresentada indicava também reaproveitamento de um exemplar de maiores dimensões (Fig. 3, em baixo), cujo corpo se encontra preenchido por bandas de triângulos isósceles em posição normal e invertida.

Ambos os exemplares foram, por tais razões, também incluídos no presente estudo, tendo para tal sido fotografados e desenhados na Reserva Arqueológica da Câmara Municipal de Sesimbra, fazendo da Lapa do Fumo uma das necrópoles com maior número destes artefactos reaproveitados apesar do escasso número de placas inteiras e fragmentadas nela recolhidas (SERRÃO & MARQUES, 1971).



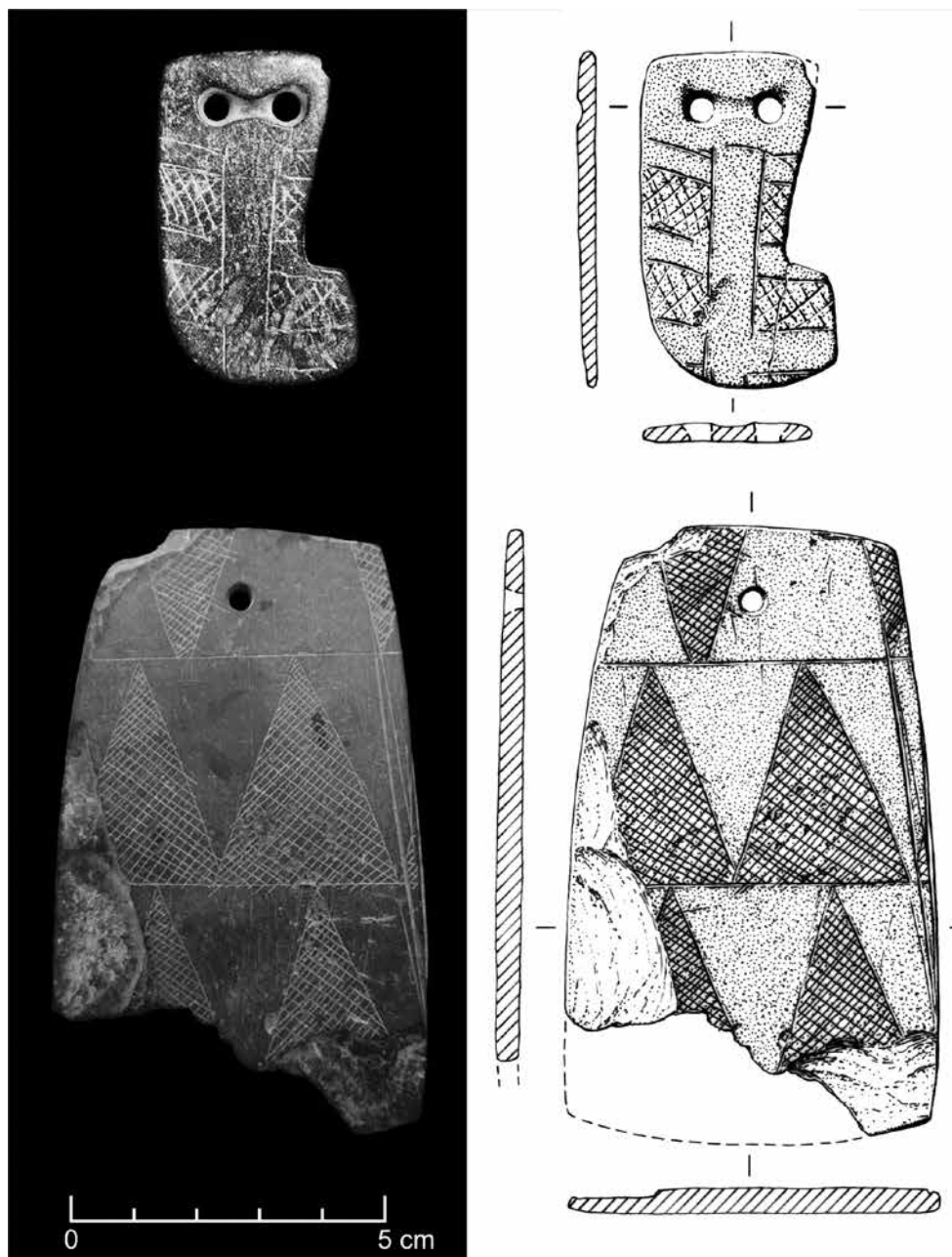


Fig. 3 – As duas placas de xisto reutilizadas recolhidas na Lapa do Fumo nas escavações dirigidas por E. da Cunha Serrão. Fotos de João Luís Cardoso e Filipe Martins. Desenhos de Filipe Martins. Reserva Arqueológica da Câmara Municipal de Sesimbra.

3 – Descrição do exemplar dado agora a conhecer

Trata-se de uma placa de xisto quase negro (xisto ardoso) (Fig. 4), com a altura de 9,0 cm, largura máxima (na base) de 6,5 cm e espessura máxima de 0,7 cm. Apresenta contorno sub-retangular, sendo munida de dois furos destinados a suspensão, obtidos por rotação a partir de ambas as faces, situados junto aos dois cantos do lado menor (Fig. 5). A peça encontrava-se completa na altura do seu achado, tendo-se depois fragmentado acidentalmente.

A peça, na sua forma actual, corresponde à parte basal da placa original, cujo bordo inferior primitivo se situa no actual bordo direito da peça. A face decorada apresenta dois alinhamentos de triângulos isósceles, preenchidos interiormente por reticulado, os quais se dispunham originalmente em posição normal. Trata-se de modelo decorativo muito comum na região, correspondendo a 14 das 21 placas decoradas recolhidas na vizinha Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992) (Fig. 6), estando igualmente presente em outras placas da Lapa do Fumo (SERRÃO & MARQUES, 1971, Est. VII, fig. 8; SERRÃO, 1968, Fig. VIII, 8-9). A face oposta é lisa.

Deste modo, a reutilização da placa obrigou à rotação do seu eixo maior de 90°, em resultado de uma fractura transversal ulteriormente regularizada por polimento, que ocupa todo o bordo direito do exemplar actual.



Fig. 4 – Placa de xisto reaproveitada da Lapa do Fumo dada agora a conhecer.

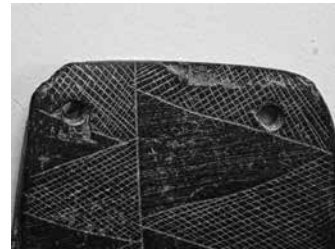
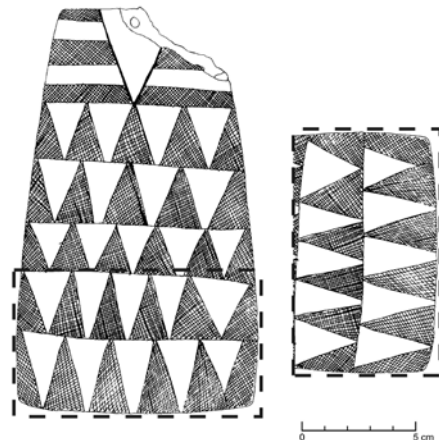


Fig. 5 – Pormenor das duas perfurações executadas na placa da Lapa do Fumo dada agora a conhecer aquando da sua reutilização.

Fig. 6 – Placa da Lapa do Bugio, exemplificando graficamente reutilização do mesmo tipo de placas a que pertence o exemplar agora estudado (original publicado em CARDOSO, 1992, Est. 44, n.º 3).



4 – Estudo comparativo

V. S. Gonçalves e colaboradores apresentaram em 2003 síntese classificativa de natureza formal relativa às modalidades do reaproveitamento de placas de xisto identificadas em monumentos funerários da região de Évora (GONÇALVES; PEREIRA & ANDRADE, 2003). Consideraram então três grandes categorias de reaproveitamentos: a primeira, em que uma placa permaneceu com o seu formato original, tendo-lhe sido acrescentado no verso outros motivos; a segunda em que, após a fragmentação da placa original, uma parte da mesma foi recuperada através de recorte e polimento nos bordos e reintegrada num outro contexto funerário; e uma terceira situação, em que se processou, a partir de uma placa original, um novo recorte da mesma, ulteriormente incluída num novo contexto funerário.

O exemplar da Lapa do Fumo inscreve-se claramente no segundo grupo desta classificação.

A existência de placas de xisto ardosiano decoradas em estações funerárias da orla ocidental, onde tal matéria-prima não existe deve ser interpretada como contributo do interior alentejano, especialmente do Alto Alentejo Ocidental, onde tais placas são muito abundantes, resultantes sobretudo da exploração de ardósias de idade silúrica ali existentes. Pela sua assinalável presença na região litoral atlântica, pode-se aquilatar a importância dos influxos de natureza cultural oriundos do interior do território sob a forma de exemplares já acabados e destinados, igualmente, a uso exclusivamente funerário. Com efeito, os escassos exemplares recolhidos em contextos habitacionais calcolíticos, podem ter resultado essencialmente de objectos recolhidos em sepulturas anteriores da mesma região, sem no entanto deixar de reconhecer que existem certas placas que iconograficamente são características da região atlântica, o que pressupõe um fabrico regional, envolvendo a transformação de placas de xisto pré-existentes para receberem novos motivos iconográficos claramente distintos dos conhecidos no foco alentejano (CARDOSO, MEDEIROS & MARTINS, 2018).

De facto, tais placas apresentam-se decoradas em ambas as faces, afigurando-se reaproveitamento de peças pré-existentes e que foram então redecoradas segundo cânones locais, já que a decoração em ambas as faces de placas de xisto se afigura, em geral, de carácter excepcional.

Tal observação reforça, assim, a evidência de serem as placas essencialmente produzidas no Alentejo – região onde se conhecem presentemente várias oficinas especializadas nesse fabrico, sendo a mais próxima da área estremenha a do Cabeço do Pé da Erra, Coruche (GONÇALVES, 1983/1984), onde se recolheram esboços e lascas de preparação dos suportes – tendo a partir daí circulado amplamente no território português: as ocorrências mais setentrionais² são corporizadas pelos

² Referimo-nos, obviamente, apenas às placas de xisto. Porque, na realidade, conhece-se a existência de outras placas de contextos megalíticos em latitudes mais setentrionais, em concreto na Beira Alta, que formam claramente um grupo específico. São placas ainda insuficientemente caracterizadas, que não são de xisto, cujos motivos, quando existem, são pintados. Veja-se o exemplo da placa da anta de Mamaltar de Vale de Fachas, com pintara a vermelho (COELHO, 1912; CARVALHO, 2013, p. 31) ou as da Anta da Arquinha da Moura e do Repilau (inéditas).



fragmentos recolhidos no dólmen do Cabeço dos Moinhos, serra da Boa Viagem, Figueira da Foz (ROCHA, 1895, p. 152-154, Est. 17, n.º 194; 1888, p. 168, Est. 19, n.º 270, 271). A pequena placa de xisto da Herdade dos Bósios (Cantanhede), perfurada e com ornamentação incisa (LEISNER, 1998, p. 117, Tafel 83, v-2-3), supostamente depositada no Museu Municipal Dr. Santos Rocha (mas aí desconhecida), não se tratando de eventual pendente, poderia testemunhar outra ocorrência na região.

Lembre-se o exemplo clássico de uma placa avulsa recolhida em Chelas, Lisboa, seguramente produzida na mesma oficina de uma outra recolhida num sepulcro de Huelva (ZBYSZEWSKI, 1957), dadas as flagrantes evidências nesse sentido, que bem exemplifica o percurso realizado pelos objectos, ou por quem os fabricou ou por ambos.

Alguns ligeiros retoques produzidos em placas de xisto pré-existent bastariam para reforçar o seu carácter antropomórfico, tornando-as peças com o estatuto de “placas reutilizadas”. Um dos exemplos mais interessantes foi recentemente dado a conhecer, oriundo da anta dos Currais do Galhordas, Castelo de Vide (MONTEIRO-RODRIGUES, 2016, Est. III) (Fig. 7), onde se procedeu ao recorte dos ombros e da “cabeça”, conferindo-lhe aspecto antropomórfico, com ablação parcial da decoração, que se estendia ao limite de ambos os bordos laterais.



Fig. 7 – Placa reconfigurada, por recorte, para acentuar o antropomorfismo. Anta dos Currais do Galhordas, Castelo de Vide (MONTEIRO-RODRIGUES, 2016, Est. III).



Outro exemplo de reutilização, sem afectação do tamanho da placa original, observa-se na placa encontrada num dólmen de Ansião, conhecida desde o século XIX (PEREIRA, 1934 [1877], p. 81; SIMÕES, 1878, p. 52; VEIGA, 1887, mapa inserido a p. 452), presentemente conservada no Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, onde foi desenhada e fotografada (CARDOSO, 2015, Fig. 35; VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008, p. 25 e Fig. 14). Neste caso, efectuou-se o isolamento da cabeça através de dois entalhes laterais oblíquos e simétricos, correspondendo aos ombros (Fig. 8). Tais entalhes foram executados posteriormente à gravação da placa, correspondendo assim a um momento em que se decidiu sublinhar-lhe o antropomorfismo. Com efeito, verifica-se que as duas bandas oblíquas intermédias simétricas, que se situam de ambos os lados da cabeça, se encontram nitidamente interrompidas pelas duas chanfraduras em causa; de facto, tais bandas, dispostas simetricamente de ambos os lados das cabeças das abundantes placas que as ostentam, apresentam-se intactas (ver, p. ex., da vizinha lapa do Bugio, CARDOSO, 1992, Est. 43, n.º 1). No entanto, o facto dos entalhes inseridos nesta placa numa determinada etapa da sua vida útil, não impede que, em outras, tais elementos não façam parte dos atributos primitivos das mesmas, integrando desde o princípio a concepção do espaço iconográfico. Trata-se do Grupo 1 da classificação geral de G. e V. Leisner, as “Placas de contorno recortado” (LEISNER & LEISNER, 1951, Fig. 1).

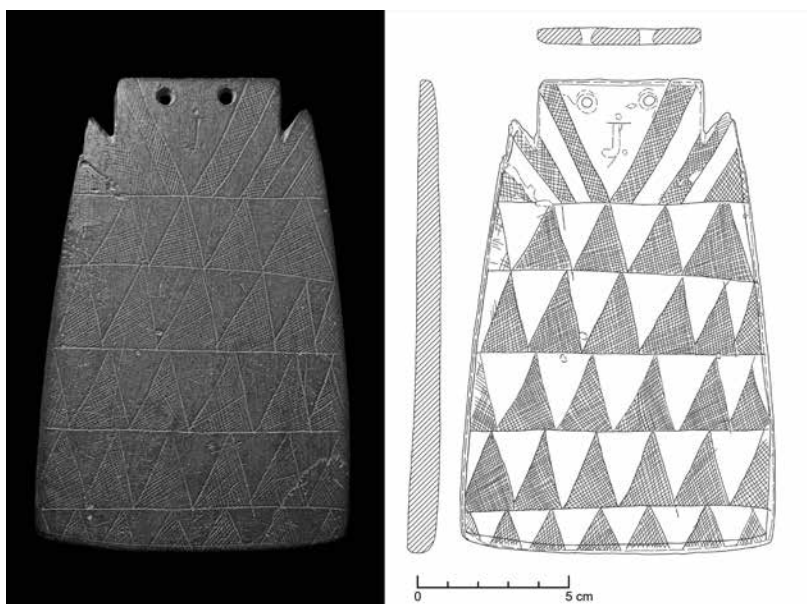


Fig. 8 – Placa de dólmen de Ansião, com reconfiguração do antropomorfismo, pela abertura de dois chanfros simétricos de ambos os lados da cabeça, cortando parte da decoração pré-existente. Foto de J. L. Cardoso; desenho de Filipe Martins. Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

Os exemplos das placas da anta dos Currais do Galhordas e de Ansião configuram assim um novo grupo, não previsto na classificação de V. S. Gonçalves (2003), em que existiu intervenção na modificação do contorno da placa para acentuar a sua forma antropomórfica, mas sem qualquer perda da integridade da placa original.

Uma outra placa que se pode inscrever também na problemática em análise foi recentemente dada a conhecer. Provém de Salir, com motivos regravados que alteram os originais, para além da ablação parcial das duas perfurações periféricas (GONÇALVES & SOUSA, 2017, p. 97 e Fig. 25-28).

Como é natural, é do Alentejo que provém o maior número de exemplares de placas reaproveitadas. O estudo de V. S. Gonçalves e colaboradores identificam 13 placas nestas circunstâncias, só da região circundante de Évora, em 2003, incluindo placas regravadas. Os exemplares que, como o da Lapa do Fumo, configuram o reaproveitamento de fragmentos, com reconfiguração por polimento da forma inicial, ascendem a 11 exemplares, dos quais um não possui furo para suspensão. Ao levantamento publicado em 2003 somam-se outros exemplares, entretanto publicados, como as duas ocorrências identificadas no Sepulcro 1 dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz (VALERA, 2018).

K. Lillios apresenta distribuição cartográfica de placas reaproveitadas por ela identificadas, mas o interesse deste seu primeiro contributo sobre o reaproveitamento de placas de xisto é diminuto, pois omite a proveniência exacta e a caracterização dos exemplares respectivos, ficando-se sem se saber quais os critérios por ela utilizados (quantos exemplares correspondentes a reconfiguração do campo decorado e quantos os respeitantes a reutilização de fragmentos reformatados, por exemplo ?) (LILLIOS, 2008).

Mais interesse tem o estudo específico da mesma autora publicado pouco depois, dedicado a esta temática (LILLIOS, 2010).

Neste estudo discute-se de modo detalhado a questão das placas-reíquias e dos seus potenciais significados, atendendo também a outros casos, os dos báculos-reíquias e os dos crânios-reíquias. Quanto àquelas, a autora apoia-se numa base empírica devidamente referenciada, reunindo 46 exemplares de 32 sítios, que confirmam a variabilidade formal de soluções adoptadas na transformação das placas. Entre outras considerações, chama a atenção para a maior portabilidade das relíquias relativamente aos artefactos originais, na medida em que, tratando-se muitas vezes de miniaturizações, adquirem também maior capacidade de mobilidade entre distintos contextos e localidades. Por outro lado, admite que o elevado número de placas fragmentadas poderá ser entendido também como resultado de uma fraturação intencional, designadamente aquelas que ostentam vestígios de puncionamentos (LILLIOS, 2010, p. 48). Confirmando-se tal prática, a mesma implicaria encararmos a manipulação de determinadas placas pelas comunidades do Neolítico e Calcolítico de modo ainda mais complexo, na mesma linha de outras práticas rituais de exercício de violência sobre artefactos – de resto, uma prática de todos os tempos – problemática que um dos autores discutiu recentemente no contexto de publicação mais geral dedicada ao assunto (VILAÇA, 2019). Seja como for, trata-se



de uma questão em aberto, tal como o é ainda em certa medida a pertinente questão da relação entre placas e placas-reíquias, um dos aspectos que a autora também reconhece (LILLIOS, 2010, p. 67).

A evidente concentração no Alentejo de placas de xisto reaproveitadas por reformatação de fragmentos vem mostrar que, mesmo em regiões onde a matéria-prima era abundante, tal prática era corrente, pelo que a raridade da matéria-prima, não pode ser invocada nestes casos. Nem, tão-pouco, poderá ser alegada a eventual dificuldade no fabrico de placas, que justificaria reaproveitamento de antigas peças ocasionalmente partidas, tendo-se verificado em exercícios experimentais, pelo contrário, a facilidade de produção e de gravação deste tipo de objectos (WOODS & LILLIOS, 2006): outras eram por conseguinte as razões que explicam os reaproveitamentos observados, nalguns casos também estendido aos báculos de xisto (GONÇALVES, ANDRADE & PEREIRA, 2014, Fig. 24, n.º 2).

Nalguns casos excepcionais, que não se confundem com os anteriores, as rectificações observadas no contorno de placas poderiam ter resultado de acidentes em curso de trabalho, como é o caso da placa 5143 da anta 2 da Loba, N. Sr.ª de Machede, Évora, cujo bordo esquerdo, fortemente dissimétrico do oposto, indica regularização extensa marginal da placa sem perda significativa da sua massa inicial (GONÇALVES, PEREIRA & ANDRADE, 2005, Fig. 24). Mas quando esta se verifica intensamente, implicando ao mesmo tempo ablação da própria composição figurativa original e no seu todo, é também essa “mensagem” inicial que se perde.

A abundância de placas de xisto no Alto Alentejo, para além da forte presença de placas fragmentadas reaproveitadas, é extensiva à sua assinalável presença em povoados da região, o que se explica facilmente, pois seriam estes os locais onde essa transformação se efectuaria.

O povoado calcolítico fortificado do Castelo de Pavia (Mora) evidencia tal realidade (ANDRADE, COSTEIRA & MATALOTO, 2016), também conhecida, mas com muito menor representatividade, em diversos povoados da Estremadura, onde é residual a ocorrência de placas reaproveitadas.

São de referir os seguintes exemplos:

- uma possível ocorrência no povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede, Óbidos (CARDOSO & CARREIRA, 2003, Fig. 71, n.º 2), cujo significado foi então discutido, concluindo-se por esta alternativa, considerada mais plausível;

- outra placa de xisto reutilizada proveniente do povoado com ocupação do Neolítico Final e campaniforme de Carnaxide, Oeiras (ANDRADE & GOMES, 1959, Est. X, n.º 3). A informação dos autores a este respeito é decisiva, pois a reprodução, de péssima qualidade, permite apenas verificar que se trata de fragmento de placa de contorno subtrapezoidal.

- no povoado calcolítico de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja, recolheu-se igualmente uma placa de xisto reutilizada, dada a conhecer tardiamente (GOMES,



2005, 172), a qual sofreu uma rotação da sua utilização de 90°, refazendo-se o contorno subtrapezoidal que primitivamente também possuía. Neste povoado recolheram-se diversas placas de xisto, todas incompletas (JALHAY & PAÇO, 1945, Fig. 5, n.º 1 e 2).

A questão da presença de placas de xisto inteiras, fragmentadas ou mesmo reutilizadas em povoados calcolíticos da Estremadura dá azo a diversas conjecturas. Assim, afastada a hipótese de existência de tumulações no espaço doméstico, bem como a de oficinas no seu interior, dada a completa falta de provas nesse sentido, como a identificação de esboços, ou de lascas de preparação, ao contrário do observado no Alentejo, como no povoado calcolítico do Castelo de Pavia já referido, resta a possibilidade de terem tais exemplares sido transportados para o espaço habitado, como relíquias, provenientes de sepulturas colectivas, que continuaram a ser utilizadas pelos ocupantes calcolíticos dos povoados.

É assim que se poderá explicar a ocorrência de uma placa de xisto inteira no povoado do Pedrão, Setúbal, em contexto calcolítico (SOARES & SILVA, 1975, Est. XVII, n.º 231), como um de nós desde há muito admitiu (CARDOSO, 1999, p. 57), sem prejuízo de considerar uma evidência óbvia: a de que as placas de xisto, antes de serem depositadas nos sepulcros, seriam primeiramente manipuladas nos próprios povoados, para tal finalidade, pelo que é de admitir a existência nestes de alguns exemplares prontos a serem assim utilizados (CARDOSO, 2005, p. 101).

Excepcional, no contexto peninsular, é a oficina especializada de Águas Frias, Alandroal, até agora única no seu género, onde se recolheram abundantes esboços de placas de xisto em diversos estados de formação (CALADO & ROQUE, 2013).

Tal é a conclusão que resulta do trabalho exaustivo de inventário das placas de xisto, reaproveitadas ou não, identificadas em contextos habitacionais, tanto da Estremadura como a sul do Tejo recentemente realizado (ANDRADE, COSTEIRA & MATALOTO, 2015), revelando-se os sítios domésticos da Estremadura amplamente representados, embora sempre por escasso número de exemplares em cada um deles.

Nos povoados a sul do Tejo de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo) e Ponte de Azambuja 2 (Portel) – este reportado seguramente à segunda metade do 4.º milénio a.C. – foi reconhecida a presença de um exemplar reaproveitado em cada um deles, a que se soma um exemplar no povoado de La Pijotilla (Badajoz). Todos estes exemplares possuem uma particularidade, a ausência de perfurações e o contorno sub-circular ou amigdalóide (Fig. 9), o que faz aproximar tais exemplares, também pelo tamanho, do disco craniano recolhido na Lapa do Bugio, Sesimbra, recolhido no ossário (CARDOSO, 1992, Est. 18, n.º 7).



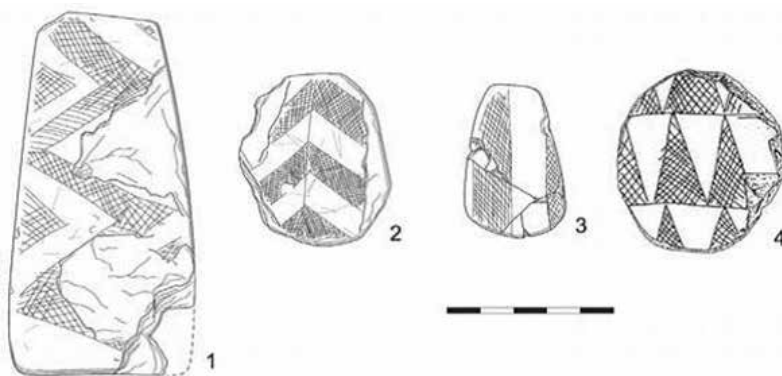


Fig. 9 – Placas reaproveitadas provenientes de espaços domésticos.
 1 – do povoado calcolítico de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja; 2 – de Porto Torrão, Ferreira do Alentejo; 3 – de Ponte da Azambuja 2, Portel; 4 – de La Pijotilla, Badajoz (seg. ANDRADE, COSTEIRA & MATALOTO, 2015, Fig. 10).

5 – Discussão

A presença de placas de xisto reaproveitadas, perfuradas e não perfuradas justifica discussão. Já Leite de Vasconcelos, ao referir-se ao exemplar recolhido nas grutas do Poço Velho (Cascais), valorizava a ausência de perfuração também nele verificada, declarando a tal propósito o seguinte (VASCONCELOS, 1897, p. 158): “Todas quantas tenho visto, à excepção de uma, que é feita de outra placa, possuem um ou mais orifícios de suspensão”. Terá sido esta a primeira referência clara ao reaproveitamento de uma placa de xisto.

No entanto, a existência de placas reaproveitadas munidas de furos de suspensão, herdados da placa primitiva, ou feitos de novo no fragmento reutilizado, é frequente; é o caso do presente exemplar, onde os dois furos de suspensão foram feitos aquando do seu reaproveitamento; a propósito de estudo de exemplar comparável, recolhido numa das grutas artificiais do Casal do Pardo, Palmela, a autora apresenta duas questões que importa considerar (SOARES, 2003, p. 139, Fig. 118): “Que personagem poderá ter usado, e em que momento, o pendente (...) ?

Terá este pendente resgatado algumas das propriedades latentes do velho artefacto?”

Estas duas perguntas não podem, naturalmente, ter respostas seguras, mas justificam discussão.

Em primeiro lugar, viu-se que o reaproveitamento de placas de xisto não pode ser associado à raridade de tais objectos, pois mesmo no Alentejo, onde são comuns, tal como a própria matéria-prima de que são feitos, se observam diversos exemplos nesse sentido. Deste modo, a prática do reaproveitamento deve ser associada à natureza simbólica das próprias placas de xisto originais, de cunho intrinsecamente funerário. Presentemente encontra-se bem estabelecida a relação “uma placa-uma tumulação”, depois da escavação da anta de Santa Margarida 3, (Reguen-

gos de Monsaraz) (GONÇALVES, 2003). O reaproveitamento pode associar-se também à relíquia que corporizaria um determinado antepassado, consubstanciado no paralelo que representa o disco craniano da Lapa do Bugio. Deste modo, a presença de furo pode relacionar-se com o uso de tais peças na indumentária, possuindo o cunho de amuletos ou peças com funções apotropaicas.

Os exemplares sem perfuração poderiam ter utilidade semelhante, mesmo que o seu uso requeresse uma pequena bolsa, transportada pelo seu possuidor. Isto se essas peças acompanhassem sempre alguém na sua mobilidade. Poderiam ser peças/relíquias “simplesmente” depositadas... Aliás, a própria variabilidade da presença ou ausência do furo sublinha que se trata de uma particularidade secundária no uso de tais peças: com efeito, dos 11 exemplares dos dólmenes da região de Évora apenas um não possui perfuração, enquanto que, dos quatro exemplares homólogos provenientes de povoados estremenhos ou alentejanos (Carnaxide, Vila Nova de S. Pedro, Porto Torrão, Ponte de Azambuja 2), apenas o primeiro exhibe furo de suspensão, aliás aparentemente o mesmo da placa original, tanto quanto se pode concluir da única reprodução disponível.

6 – Conclusões

De tudo o que foi dito, podem extrair-se as seguintes conclusões principais, a seguir enunciadas:

26

1 – As placas de xisto resultantes do reaproveitamento de exemplares completos, fragmentadas acidental ou intencionalmente, devem ter mantido o simbolismo dos exemplares primitivos, associados ao mundo funerário e ao culto dos antepassados; nesse sentido, poderiam ter sido de novo utilizadas, mas agora em vida por elementos da mesma comunidade, como amuletos, e com eles depois de novo enterrados. É o caso do exemplar da Lapa do Fumo agora estudado, o qual se soma a dois outros, ali identificados entre os espólios das escavações de Eduardo da Cunha Serrão.

2 – Os exemplares de placas reaproveitadas encontrados em espaços domésticos da Estremadura ou a sul do Tejo configuram situação semelhante à ocorrência, em tais locais, de placas de xisto inteiras ou fragmentadas, também elas em número muito diminuto face às existentes em contextos sepulcrais. As razões para a ocorrência de placas inteiras em contextos habitacionais podem residir na sua atribuição a relíquias, possuindo assim uma carga simbólica muito próxima dos objectos reaproveitados, os quais deste modo poderiam ter a mesma origem comum, os espaços funerários de onde foram trazidos para os povoados, ao mesmo tempo que para aqueles poderiam ser depois retransportados, no decurso da continuação da utilização dos respectivos sepulcros.



3 – Importa, por outro lado, ter presente que, tanto as placas de xisto como os fragmentos reutilizados das mesmas seriam acabadas nos espaços domésticos. Deste modo, mesmo que a finalidade das placas fosse exclusivamente funerária, as mesmas teriam uma passagem obrigatória pelos povoados onde também seriam preparados os defuntos que as receberiam como oferendas. Assim sendo, deveria existir sempre um conjunto de tais peças pronto a ser utilizado para tal finalidade.

Já no respeitante aos exemplares reaproveitados, crê-se que a sua finalidade seria mais diversificada, pois estariam mais presentes nas próprias comunidades, corporizando verdadeiras relíquias/amuletos reportados aos antepassados que primeiramente acompanharam na morte, o que não impedia igualmente a sua reutilização funerária, aquando do falecimento dos seus possuidores em vida.

4 – Estas considerações permitem, por conseguinte, encarar as placas de xisto como peças que, em determinadas situações, poderiam incorporar não só fenómenos de transfiguração, mantendo o simbolismo de origem ou adquirindo re-significações, como peças de mobilidade bastante mais assinalável do que durante muito tempo se pensou: fabricadas em espaços domésticos, destinavam-se a contextos funerários, de onde poderiam por vezes ser resgatadas, inteiras ou em fragmentos, de novo para contextos habitacionais.

Agradecimentos

A João Pinhal (Câmara Municipal de Sesimbra) pelo apoio que concedeu à realização deste estudo;

À Dr.^a Fernanda Rodrigues pelo interesse demonstrado pela sua publicação nesta revista;

Ao Dr. Filipe Martins, colaborador usual do primeiro signatário, pela disponibilidade demonstrada na preparação de alguns dos desenhos e fotos que o ilustram.

Bibliografia

ANDRADE, G. M. & GOMES, J. J. F. (1959) – Estudo preliminar da estação pré-histórica de Carnaxide. *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 137-146.

ANDRADE, M.; COSTEIRA, C. & MATALOTO, R. (2015) – Símbolos de morte em espaços de vida? Sobre a presença de placas de xisto gravadas em povoados do Alto Alentejo, no contexto do Sudoeste peninsular. *Proceedings of the XIX International Rock Art Conference, IFRAO (Cáceres, 2015)*. TOMAR: Instituto Terra e Memória, p. 1607-1635.



ANDRADE, M.; COSTEIRA, C. & MATALOTO, R. (2016) – Placas de xisto gravadas em contexto de povoado. O caso do Castelo de Pavia (Mora). *Al-Madan online*. Almada. Série II, 20 (2), p. 44-53.

CALADO, M. & ROQUE, C. (2013) – *Nova carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal do Alandroal.

CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.

CARDOSO, J. L. (2005) – A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).

CARDOSO, J. L. (2015) – Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 93-138.

CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (2003) – O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 97-228.

CARVALHO, P. Sobral de (2013) – *José Coelho Coleção Arqueológica: a paixão pelo passado, Catálogo da Exposição*, Câmara Municipal de Viseu, Eon, Indústrias Criativas, Lda.

COELHO, J. (1912) – *A Prehistoria e o seu ensino. Mamaltar do Vale de Fachas*. Famalicão: Typographia Minerva.

GOMES, M. V. (2005) – O sagrado em Vila Nova de São Pedro. Antigas e novas perspectivas. In *Construindo a memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 165-178.

GONÇALVES, V. S. (2003) – *STAM-3, a ana 3 da herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia 32).

GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (2017) – Serra e Mar. As antigas sociedades camponesas em Loulé (Algarve). In *Loulé. Territórios, Memórias, Identidades*, Lisboa, Imprensa Nacional, Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Loulé, p. 60-196.

GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. & PEREIRA, A. (2014) – As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha, na primeira metade do 3.º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 109-158.

GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A. & ANDRADE, M. (2003) – A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 21, p. 209-244.

GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A. & ANDRADE, M. (2005) – As placas de xisto e o báculo recolhidos nas duas anta da Loba (.N. S.ª de Machede, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8 (2), p. 5-53.

JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.



LEISNER, V. (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlim: Walter de Gruyter, Madrider Forschungen, Band 1 [org. de P. Kalb].

LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.

LILLIOS, K. T. (2008) – *Heraldry for the dead*. Austin: University of Texas Press.

LILLIOS, K. T. (2010) – Mnemonic practices of the Iberian Neolithic: the production and use of the engraved slate plaque relics. In *Material Mnemonics*, LILLIOS, K. T. & TSAMIS, V., ed. Oxbow Books, p. 40-72.

MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2016) – Resultados da primeira campanha de escavação na anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – centro leste de Portugal) – breve síntese. *Actas da II Mesa-Redonda “Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História” (Porto, 2011)*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, p. 195-202 (Estudos Pré-Históricos 18).

PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 22, p. 45-84.

PEREIRA, G. (1934) – *Estudos Diversos (Arqueologia, História, Arte, Etnografia)*. Coimbra: Imprensa da Universidade [Colectânea organizada e anotada por J. Rosa].

ROCHA, A. dos Santos (1895) – *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*. Terceira parte. Coimbra: Imprensa da Universidade.

SERRÃO, E. da Cunha (1959) – Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 337-359.

SERRÃO, E. da Cunha (1968) – A Lapa do Fumo. Gruta na encosta entre Sesimbra e o Cabo Espichel, onde os homens tumularam e habitaram durante milhares de anos, *Geographica*, Ano IV, n.º 15, p. 69-92.

SERRÃO, E. da Cunha (1978) – A Lapa do Fumo. In *Aspectos e métodos da Pré-História*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (separata) (Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 1).

SERRÃO, E. da Cunha & MARQUES, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional da Educação, 2, p. 121-142.

SIMÕES, A. F. (1878) – *Introdução à Archeologia da Peninsula Iberica*. Lisboa: Livraria Ferreira.

SOARES, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Enografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal.

SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 53-153.

VALERA, A. C. (2018) – *Os Perdígões neolíticos*. Lisboa: ERA, Núcleo de Investigação Arqueológica.

VASCONCELOS, J. Leite de (1897) – *Religiões da Lusitania*, 1. Lisboa: Imprensa Nacional.



VEIGA, S. P. M. Estacio da (1887) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, 2. Lisboa: Imprensa Nacional.

VILAÇA, R. e BOTTAINI, C. (2019) – Breaking metals and handling ideas about Bronze Age hoards from Western Iberia. Material patterns, invisible behaviors and possible interpretations. In VALERA, A. C. (ed.), *Fragmentation and Depositions in Pre and Proto-historic Portugal*, Lisbon: NIA-ERA Arqueologia S.A., p. 125-139.

VILAÇA, R. & CUNHA-RIBEIRO, J. P. (2008) – *Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral. Territórios da Pré-história em Portugal*, vol. 4, Tomar, Arkeos, 23 [edição bilingue port./ inglês].

WOODS, A. & LILLIOS, K. (2006) – Wearing Stone: Experimental Manufacture and Use-Wear Analysis of the Iberian Engraved Slate Plaques, In *Simbolismo, Arte e Espaços Sagrados na Pré-história da Península Ibérica* [Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular], *Promontoria Monográfica 05*, p. 29-37.

